

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

SOLVEIG NORDLUND – UM PERCURSO SINGULAR

19 de Julho de 2022

### AMANHÃ / 2004

um filme de SOLVEIG NORDLUND

*Argumento, Realização:* Solveig Nordlund *Diálogos:* Solveig Nordlund, Eduarda Dionísio *Fotografia:* Lisa Hagstrand *Som:* Pedro Melo; Nuno de Carvalho (*sonoplastia*); Branko Neskov (*mistura*) *Montagem, Assistente de realização:* Pedro Marques *Música:* Johan Zachrisson *Decoração, Guarda-roupa:* Ana Paula Rocha *Assistente de fotografia:* Manuel Mealha *Assistente de som:* Carlos Mota *Assistente de decoração:* Miguel Figueiredo *Interpretação:* Luís Simões (Nico), Carla Bolito (mãe), João Saboga (voz).

*Produção:* Ambar Filmes, Radiotelevisão Portuguesa/RTP, Cine-Qua-Non (Portugal, Suécia, 2004) *Direcção de produção:* Manuel João Águas *Assistente de produção:* Sandra Nunes *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 15 minutos *Primeiras exibições na Cinemateca:* 3 de Abril de 2004 (“Ante-estreias”); 19 de Maio de 2014 (“25 de Abril, Sempre – Parte II. A Distância das Coisas | Trabalhar a Memória de Abril / Primeiros Ecos na Ficção”); Abril de 2020 (“Cinemateca Júnior & Cinemateca Digital”).

NOTA: este texto, reescrito em 2021, partiu de uma versão de 2014 elaborada para uma passagem conjunta de AMANHÃ e DINA E DJANGO (1981) de Solveig Nordlund. | AMANHÃ é agora apresentado conjuntamente com NEM PÁSSARO, NEM PEIXE, UMA VOZ NA NOITE, O BEIJO E ESPELHO LENTO, de que se distribuem textos autónomos.

---

O trabalho sobre a memória de Abril na ficção tem sido um campo de revisitação cinematográfica da História portuguesa recente. Território reflexivo, foi aberto algum tempo depois dos anos febris que levaram os cineastas para a rua, onde estava a poesia. Em festa, em turbilhão, em ricochete, próximos das pessoas, em gestos colectivos, de inspiração colectiva, colectivamente experimentados. Um cinema de intervenção, diz-se. Solveig Nordlund esteve ela própria envolvida no cinema cooperativo como membro do Grupo Zero, fundado no pós 25 de Abril de 1974. Era o grupo em que, além dela, confluíam, pelo menos, Acácio de Almeida, Alberto Seixas Santos, Jorge Silva Melo, Luis Miguel Cintra, Manuela Viegas, Margarida Gil, Maria Paola Porru, Ricardo Costa, Teresa Caldas, e sobre o qual Seixas Santos escreveu pondo a cooperativa no contexto da sua época e os pontos nos iis. Num texto publicado em *Cooperativa Grupo Zero e o Teatro da Cornucópia* (2013) lê-se:

“[...] As emissões da RTP, que é uma das principais clientes do trabalho das cooperativas, dão regularmente a ver aos espectadores o que acontece, ou seja o pulsar quotidiano da realidade. Tenta-se o impossível: colar de tal modo o assunto como se *filmar e viver* fosse a mesma coisa. Ignorou-se, ou na euforia do momento tendeu a ignorar-se, que a câmara só regista uma *realidade de segunda, uma reprodução*. A criação do Grupo Zero em 1975 é, em parte, determinada pela necessidade sentida de marcar uma *distância*. Seja na adaptação das peças de Franz Xaver Kroetz – *MÚSICA PARA SI, VIAGEM PARA A FELICIDADE, NOVAS PERSPECTIVAS* [realização de Solveig Nordlund, 1978], em *E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?*, série para a RTP de um espectáculo do teatro da Cornucópia sobre textos de Karl Valentin [com realização de Jorge Silva Melo e Solveig Nordlund, 1979], há a preocupação de ser contemporâneo tendo consciência que o cinema é um *sistema de mediações* e que esquecê-lo é um erro fatal. [...]”

Solveig Nordlund estreara-se na realização a solo com *NEM PÁSSARO NEM PEIXE* (1978), também uma produção do Grupo Zero, com diálogos de Luiza Neto Jorge num argumento contaminado pelo universo do escritor americano de ficção científica H. P. Lovecraft, que já sinaliza a ressaca revolucionária portuguesa de 1974. De 1981, o vibrante *DINA E DJANGO*, em que Nordlund põe a revolução de 1974 no fundo da história da paixão fatal vivida por dois jovens heróis no rasto de um crime veridicamente

ocorridos, viria a anteceder o termo do Grupo Zero cuja produção muito se interessara pela Reforma Agrária no Alentejo (como dá a ver o emblemático a lei da terra, 1977) com o vigor da utopia que Solveig trata no seu MITT ANDRA LAND / O MEU OUTRO PAÍS (2014), revelando a importância da vivência desse período português na sua vida e na sua filmografia. Nota-se de qualquer modo que por duas vezes Solveig Nordlund revisitou Abril de 1974 na ficção, com o dia da Revolução, em Lisboa, como ambiente e fundo, quase sempre fora de campo na imagem ocupada pelas suas personagens e as histórias delas – 23 anos separam DINA E DJANGO de AMANHÃ, que a realizadora apresentou em 2004 como um filme “feito para servir de base para discussões entre jovens sobre o que foi o 25 de Abril” a partir da ideia de um argumento muito simples: “Um pequeno rapaz foge de casa na noite de 24 de Abril de 1974, esconde-se num edifício na baixa lisboeta [o edifício da PIDE] e quando acorda com gritos de rua na manhã de 25 de Abril julga que é a sua mãe que anda à sua procura e que ela conseguiu mobilizar multidões para o encontrar.”

Uma bela ideia, a da inquietação de uma mãe poder estar na origem de um movimento de liberdade na cabeça do seu filho de nove anos. AMANHÃ é um pequeno filme que integra imagens de arquivo do dia mais revolucionário da história da segunda metade do século XX português mas sobretudo se centra no drama desse miúdo numa noite que não é solitária porque é passada na companhia de um cão pastor alemão, e que acaba na manhã em que a população de Lisboa saiu efusivamente à rua participando do curso dos acontecimentos. Quando o reencontramos, adulto, de cabeça baixa no Largo do Carmo, em contra-campo com a lápide de 1992 em tributo ao capitão de Abril Salgueiro Maia, a história de AMANHÃ ganha a ressonância de uma memória, já nada efusiva. Aquele miúdo, jovem adulto no desfecho do filme, é o narrador de um episódio da sua biografia, que começa a ser contado no princípio da noite de Quarta-feira, 24 de Abril de 1974, a data inscrita na primeira linha do caderno diário pautado de “T.P.C.” em que escreve a esferográfica azul um exercício sobre a ceifa.

Na segunda imagem, que passa do grande plano a um plano mais largo, à música já se juntou o barulho em fundo de uma discussão conjugal que vai subindo de tom, perturbando a criança, no quarto da parede azul em que vai bater chamando a mãe. Fica rapidamente esclarecido que Nuno vive com a mãe e um homem que não é o pai dele e que “está sempre chateado”, seja com ele ou com a mãe. Fica fora de campo, nunca o vemos. O som traz a sua presença, logo depois a da emissão televisiva, como assinala outras no decorrer do filme, movido pela fuga do miúdo, armado com a sacola da escola e a merenda já preparada para o dia seguinte. (Quem nunca?) “Vou ter com o meu pai”, ouve-se em off. E na rua, um Volkswagen carocha da polícia circula com a luz de emergência a girar no tejadilho. Calha que a noite da aventura do miúdo é a noite da grande aventura colectiva do país onde ele vive, assistindo ele a gestos de fuga, destruição de documentos por homens que observa como sombras entre labaredas antes de se refugiar num edifício vazio e já com sinais da deserção em curso, telefones que tocam sem serem atendidos, um cão que é deixado para trás. É um pouco triste que também o miúdo acabe por deixar o cão, não cumprindo a promessa de ir buscá-lo. Ou então, é a vida.

O dia amanhece claro e ruidoso, é de novo a banda sonora a trazer para dentro do filme “o que se passa”. “Está imensa gente na rua!” Quando o miúdo abre o portão, a imensa gente que está efusivamente na rua é a das imagens de arquivo montadas como a parte colectiva da mesma história, a gritar vitória em coro, enquanto passam soldados, marinheiros, tanques e cravos. O grito de ordem “O povo unido jamais será vencido” faz o raccord sonoro quando a imagem convoca de novo a ficção, no Largo do Carmo, agora deserto de populares, cenário da última sequência de AMANHÃ, que a geografia do cinema segue até à rua da baixa antes filmada quando ainda fazia noite e havia polícias a circular em carochas assustando um pequeno fugitivo alheio à possibilidade de amanhãs mais límpidos para todos.

Maria João Madeira